Numero 740 DOMINGO, 9 de Janeiro de 1898 Anno XIV

O OVARENSE

JORNAL POLITICO, LITTERARIO E NOTICIOSO

Anno sem estampilha. . . . . 1$000 reis
Semestre sem estampilha. . . 500 reis
Anno com estampilha. . . . . 1$200 reis
Semestre com estampilha. . . 600 reis

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Proprietario e Editor—Placido Augusto Veiga

Annuncios cada linha. . . . . 50 rs.
Repetição. . . . . 25 rs.
Communicados, por linha . . . . 60 rs.
Os srs. assignantes teem o desconto de 25 p.c.

No parlamento

Abriram-se as camaras com as mesmas solemnidades dos annos anteriores. O discurso deu thema para alguns commentarios, á falta d'assumpto mais importante. N'elle o governo promette mais reformas; com isso se abespinharam os regeneradores, apezar de, nas reformas anteriores, o governo não bulir nos escandalos da ultima situação.

A reunião da maioria deu decidido appoio ao ministerio. Nem era d'esperar outra coisa. Apenas um discurso d'essa illustrada assembleia nos espantou: foi o do sr. Elvino de Brito, director geral e futuro ministro, quando incitou o governo a fazer economias, cortando a fundo nas despezas, dôa a quem doer.

Estamos tão pouco habituados a ouvir fallar assim os altos empregados publicos e sobretudo os directores geraes das secretarias, que aquelle discurso do sr. Elvino de Brito encheu-nos de contentamento, pois sendo em breve ministro, talvez mesmo na primeira recomposição ministerial, não terá duvida de pôr em pratica as doutrinas, que, como deputado, accentuou.

E em verdade bem precisamos d'isso. O governo tem luctado e certamente luctarà ainda com bastantes difficuldades para arranjar dinheiro. Não obstante continua o esbanjamento de despezas auctorisadas pelas situações anteriores: continua o enorme exercito de empregados inuteis, sem haver quem decididamente córte por taes abusos. E' preciso um córte profundo e serio, dôa a quem doer, na phrase do sr. Elvino de Brito. E é tanto mais para louvar aquella declaração, que seria o sr. Elvino de Brito o primeiro a soffrer a sério, nos seus interesses de empregado publico, se um ministro das obras publicas se lembrasse de tomar á lettra a sua palavra. Porque o sr. Elvino de Brito, como muitos outros, accumula uns poucos de empregos publicos; e nada ha mais absurdo, mais indigno, do que o systhema das accumulações. Por mais capacidade para o trabalho, por mais intelligencia de que um homem possa dispôr, não lhe é possivel ao mesmo tempo, nas mesmas horas e em repartições differentes desempenhar serviços diversos.

Por isso não nos cansaremos de applaudir o distincto e desinteressado director geral d'agricultura. Pois nunca nos passará pela mente que os córtes, que aconselhou e por que instou se referiam aos empregados menores, sem attingir os cardeaes dos empregos publicos.

*

Por seu lado, a opposição promette uma guerra furibunda.

Não delimita o campo do attaque, nem quaes as medidas, que recahirão debaixo da sua critica.

D'onde se vê que essa guerra ha-de ser unicamente politica, de corrilhos e baixos interesses, tendo apenas por alvo o escalar o poder.

Bella acção e esforço!

Bombeiros Voluntarios

Passou no 1.º de janeiro o anniversario d'essa benemerita e sympathica corporação dos Bombeiros Voluntarios d'esta villa e a que já em o n.º antecedente do nosso jornal nos referimos.

A sessão solemne do dia foi quasi tão sómente consagrada á bandeira da corporação, um bello e rico symbolo onde os distinctivos dos bombeiros sobresahiam em bordados caprichosa e artisticamente entretecidos pelas mãos das ex.mas sr.as D. Maria Eduarda e D. Irene Ferraz, sob a direcção da ex.ma sr.a D. Roza Brites. E razão em demazia se encontra n'essa consagração, porque a bandeira, sendo o symbolo da multidão, é o ideal tomando vulto e fórma, tornando-se palpavel.

Nenhuma grande idéa para ser democratisada, para arrastar atraz de si o povo, deixou de ter um signal hasteado bem alto para que todos o vejam.

Os romanos na conquista do mundo, levavam á frente dos legionarios o pendão; Affonso Henriques hasteava o symbolo das 5 chagas e mais tarde os seus successores a bandeira das quinas; os mahometanos no seu fervor de conquista levavam os olhos fixos na bandeira do crescente, e o christianismo no fervor da propagação da fé hastea a cruz. Tudo symbolos d'uma idéa, d'uma crença, da fé. E' a consolação no perigo, e para ella em geral são os ultimos adeus d'um soldado atravessado por um balla.

Consagrada e santificada pelos vossos corações, tributai-lhe um fervor mystico, vós rapazes, cheios d'enthusiasmo e de vida, que formaes essa santa corporação que além do seu fim proximo—combater o fogo—tem outro não menos sympathico=fazer bem ao proximo que se encontra em precarias circumstancias (affirmou o ex.mo commandante no seu discurso).

«Dá a quem te pede, e não voltes as costas ao que deseja que lhe emprestes», diz S. Matheus no versiculo 42 do cap. V e accrescenta no vers. 3 do cap. VI «Mas quando dás a esmola, não saiba a tua esquerda, o que faz a tua direita».

Além de se ser bom é preciso ser-se modesto. E vós tambem sabereis sel-o.

—

Finda a sessão, a philarmonica «Ovarense» tocou, para acabar de solemnisar o anniversario, em frente da casa dos bombeiros até ao crepusculo da tarde.

Pelas 8 horas da noute começou o espectaculo no theatro, cujos lucros são para custear as despezas feitas com os melhoramentos n'esse edificio velho e acanhado. Um outro sympathico fim, sem duvida.

Levaram á scena o «Arcediago», um drama copiado da N. Senhora de Paris, de Victor Hugo e duas comedias: o «Abstracto» e «G. F.» O desempenho foi muito bom.

Uma onda enorme de gente comprimia-se por todos os cantos: grande enchente.

Eis como se desenrola o drama. N'uma das praças do Porto, sentado, um velho doudo (dr. Lopes), faz perpassar pelo seu cerebro doente a lembrança do roubo, ha quinze annos, d'uma sua filhinha pelos ciganos: tira do seio um sapatinho d'ella e suspira e ri loucamente.

Dois personagens apparecem: um capitão militar (dr. Sobreira) e um bohemio, amante do vinho e das mulheres da vida airada, mas de coração bom e irmão de Arcediago (José Marques). O capitão pensa apaixonadamente n'uma gentil cigana que encontrára. O bohemio critica-o n'um tom de Voltaire e de Marcial. No entretanto apparece a cigana (a actriz D. Izabel Sanguinete) que recebe uma grossa esmola do capitão. E quando vae para dar parte d'esta ao velho que a commove, este levanta-se n'um impeto de loucura, amaldiçôa-a e foge. O capitão declara-lhe o seu amor, e a cigana retira-se entre as duas impressões oppostas: a maldição do velho e o amor do capitão.

Appparece o Arcediago (José Ramos) embebido na alchimia, n'essa sciencia que floresceu na edade media, que fôra sagrada para os egypcios á qual chamavam sciencia ou philosophia hermetica, e que em vão se esforçou por achar o elixir da longa vida e a pedra philosophal para transmudar, por meio da chimica, em ouro, os metaes ordinarios. O bohemio, desde que vê o irmão, pensa no modo de lhe pedir dinheiro. E havendo-o vae gastal-o na pandega com o capitão.

O Arcediago fica criticando-os; e, em seguida, lembrando-se d'uma paixão que lhe cria um vasio na alma e lhe vulcanisa a cabeça, sente-se infeliz, preso nas abas da sua batina. E' que tinha visto a cigana. Encontra então vã toda a sciencia; e elle que fôra um purista, um bom, torna-se um demonio. Resolve leval-a para o seu poder, mesmo á força. Mas por quem? Apparece-lhe, a proposito, o doudo, esse fidagal inimigo das ciganas. Bellisca-lhe os desejos de vingança sobre essa rapariga que talvez era filha da que lhe roubára a creança: E' a eterna fabula do lobo e do cordeiro. O doudo porém não consumma o projecto do Arcediago, porque o capitão a salva. Porém onde a metter? Lembrou-se o apaixonado salvador da cigana de a levar para os aposentos do irmão do Arcediago, proximo da sala de estudo d'esse Fausto sacerdotisado. Pensou no amigo e esqueceu o inimigo.

No momento em que o capitão, n'uma entrevista, dá um beijo na cigana, cahe atravessado pelo punhal do Arcediago que tinha sido attrahido pelas fallas dos dois amantes. Fica pois a cigana no poder do padre que se esforça porque ella se renda ao seu amor que o torna um infeliz. Porém ella reage, escarnecendo-o e soffrendo uma mizeria atroz. O capitão que julgam morto, restabelecendo-se, tenta salval-a, juncto com o seu amigo bohemio que reprova o procedimento do irmão. E' frustada a sua teutativa. O Arcediago vendo escarnecido o seu amor e de todo perdidas as suas esperanças, leva o louco a estrangular a cigana mettendo-o na masmorra onde ella se encontra. Porém elle reconhece na cigana a filha, recobra a razão e livra aquella, com a sua força herculea, das mãos do Arcediago. Este promettendo reentrar no caminho do bem, vae a retirar-se quando o povo o espingardeia na rua. O capitão casa com a cigana e fica sempre amigo do bohemio.

O Arcediago, vindo exhalar os ultimos suspiros diante dos outros personagens da scena, aconselha o irmão a aproveitar-se d'esta licção.

Eis a obra de Victor Hugo mutilada, aleijada. O que diria elle se lesse o Arcediago? No seu rosto sempre serio e austero como os das estatuas antigas, que contracções se dariam?

No Arcediago, o auctor, tornando Paquette ou Gudula n'um homem e dando-lhe a força e agilidade de Quasimodo, formou o velho doudo; os outros personagens copiou-os quasi inalteravelmente: o capitão é Phoebus, porém mais constante no amor; o bohemio é o pequeno Jean, orphão de pae e mãe desde os primeiros dias, travesso, vicioso, mas bom de coração; a cigana é Esmeralda, a mesma, com a differença da legitimação do seu nascimento; o mesmo é tambem o Arcediago, o mesmo nos vastos conhecimentos da sciencia e no infernal tumultuar das paixões. O auctor do Arcediago, conclue como Peres de Escrich, Julio Verne e em geral os romancistas modernos em «premiar os bons e castigar os maus». Victor Hugo conclue como geralmente faz, em dar um fim tragico a todos os personagens, sobretudo aos mais sympathicos. Gudula morreu de dôr e Esmeralda na forca. E' a tragedia pura que se encontra nas suas obras—a tragedia de Eschilo e de Shakespeare, a lucta das paixões, dos sentimentos, do perfeito e do imperfeito, lucta gigante, titanica, por vezes inverosimil, mas sempre frisante e geralmente de effeito producente. E' extremamente exagerada a exaltação que este genio faz do amor, d'essa pelle d'arminho que cobre a bestialidade humana. No drama «O Arcediago» falta quasi tudo, desde a fealdade de Quasimodo até a miseria dos vadios do pateo dos milagres.

—

A comedia o «Abstracto» — foi desempenhada por Francisco Marques, José Marques e pela actriz D. Izabel Sanguinete.

A comedia «G. F.»—por, além da actriz, dr. Sobreira, A. A. Freire de Liz, dr. Lopes, Francisco Marques.

Todos andaram muito bem.

Agraciados

Por decreto publicado no «Diario do Governo», de 28 de dezembro do anno findo, foram agraciados com o titulo de officiaes da ordem do merito industrial, os dignos proprietarios da real fabrica de conservas de Espinho, srs. Henrique Braudão, Augusto Gomes e Alexandre Brandão.

Os nossos parabens aos agraciados.

O temporal medonho que sobre nós passou, em a noite de sexta feira da semana passada, fez n'esta villa, como já dissemos, grandes estragos. Entre outros: despedaçou muitas vidraças e levantou bastantes beiraes dos telhados, derrubou na matta da Coitada dezenas e dezenas de pinheiros, na Estrumada lançou por terra mais de mil pinheiros, na alameda da Poça cahiram duas australias, no largo de S. Pedro um cypreste, ao pé da estação do caminho de ferro arrancou dois colossaes eucalyptos. Finalmente, não se vê senão por ahi além, milhares de pinheiros e bastantes arvores de fructos lançados por terra, e os pastos, que costumavam até resistir á propria neve, estão geralmente crestados. Os mais velhos, não se lembram d'um temporal assim.

PORTO, 8=1=98.

Consorciou-se hoje, na egreja parochial de Santo Ildefonso, o meu conterraneo, ex.mo sr. Augusto de Medina com a ex.ma sr.a D. Emilia Maya, filha do illustre clinico e delegado de saude d'esta cidade o ex.mo sr. Dr. Henrique Maya.

Foi celebrante o sr. conselheiro Moreira Freire, dignissimo abbade da mesma freguezia. Foram paranymphos, por parte do noivo, o ex.mo sr. Silva Monteiro, coronel do 6 e sua ex.ma esposa, e por parte da noiva, seus avós.

Ninguem desconhece o privilegiado caracter do sr. tenente Medina, e se dissermos que foi aprimorada a sua escolha, não necessitamos appetecer aos noivos as maiores felecidades, pois n'elles reside a essencia que as origina.

Depois da cerimonia, foi servido o almoço em casa dos paes da noiva, partindo em seguida para Ovar, acompanhados do ex.mo sr. Gregorio Silva Gonzalez de Medina, chefe da estação telegraphica d'esta cidade.

* *

CARTA DE LISBOA

Lisboa, 31—12—97.

Vão-se abrir as cortes. E' no domingo que se realisa este acto tão solemne na vida d'uma nação, como a nossa de quem o futuro está dependente do povo e das deliberações d'elle. Infelizmente, este dia, passa desapercebido em quasi todo o Portugal, tal é a desanimação e descrença que lavra em todos de tudo que nos diz respeito. Effectivamente elles teem razão, pois que abrem-se e fecham-se as casas do parlamento sem nada de pratico e positivo para o melhoramento da nossa situação se ver ou mesmo sem nada de là sair; méras politiquices e discussões sem importancia é em que se resume o trabalho e dedicação dos representantes dos povos.

Tal é o estado a que chegámos e comnosco a vida da nação, que depende só de nós. E não ha um homem que nos erga d'esta decadencia tão accentuada e tão perigosa!

Apresentou-se o sr. Bernardino Machado com todas as prosapias d'um salvador da patria, mas foi corrido e ainda bem, pois mostramos n'isso que não nos fiamos tanto em alardeios como alguem julga; aquelle senhor chefe mação, declarado publicamente pelos mesmos mações caloteiro, aquelle senhor, ex-ministro, vinha agora salvar a patria com o triangulo; enganou-se, repito-o, e ainda bem que houve quem lhe dissesse—se Portugal quando elle foi ministro não era o mesmo d'hoje ?! Era e sabia-o elle bem, mas queria *arranjar-se* como vê os outros estarem-o fazendo; isto dizem elles, é quem mais trabalha para a salvação do thesouro... d'elles.

Não é tanto assim como estão vendo.

—

Nada de novo ha das nossas negociações financeiras; estou mesmo propenso a dizer que o que agora se faz é remediar os males que o sr. Burnay por là nos causou.

Patria que tem filhos assim é uma patria... d'azambujas,

Embora... vamos vivendo em quanto não vem cousa peior.

—

Soffremos um revez no Humbe em virtude da sublevação dos indigenas d'aquellas paragens, no qual pereceram uns 11 soldados e alguns officiaes, entre elles o conde d'Almoster, filho do duque de Saldanha.

Sua mãe, que se achava doente, ao receber a noticia tão cruciante da morte de seu filho, peiorou bastante.

Precisamos em Angola de quem, como Mousinho, saiba impor e manter uma administração honesta e não como a que se está dando às nossas colonias, origem das continuas sublevações que causam a perda de valentes dignos de melhor e mais proveitosa sorte. Bem se vê, comparando Angola com Moçambique, quanto vale um homem como Mousinho e que nunca é pouca a gratidão que devemos votar a esse benemerito.

Honrem-se os cidadãos como este que se honra a Patria, nome que está na bocca dos nossos homens mas em poucos no coração.

Até outra vez, em que serei menos extenso.

d'Arruella.

CHRONICA

Ovar, 6—1=98.

Eis-nos no dia dos Reis Magos. O simbolo da Verdade e do Bem—Christo—fora annunciado aos pequenos e humildes, a esses bons Pastores que de noute e pelo frio velavam pelos seus rebanhos, e aos grandes e poderosos, a esses reis que deixaram os thronos e os sonhos de grandeza para adorar a Creança que é devinamente grande, muito maior do que elles. E eis os pobres e humildes a par: uns e outros peregrinos, procurando a Verdade como Socratas, porém mais felizes do que elle, porque a encontram, veem e sentem. Grande acontecimento que nos mostra o caminho do Bem. Por toda a parte se festejam a vespera e o dia com canções, muitas vezes acompanhadas de musica, que partem de grupos que de porta em porta vão pedindo esmola. Eis os Reis Magos.

Quente e luarenta fôra a noute d'hontem ao contrario do que costumam ser: frias, muito frias e escuras. Pois se estamos em pleno Inverno!... Tivemos pois a noite d'hontem quente; pelo ceu a lua, escapada a uns estiraços de nuvens d'um branco pardacento, innundava-nos com um luar coado por uma bruma nevoeirenta que é propria do Inverno. Era frouxo o luar que devia ser vivo e intenso, porque o «luar de Janeiro não tem parceiro».

Mas para que, um luar intenso n'estes dois dias em que as nossas ovarinas, cantando, procuram encobrir-se o mais possivel? Se assim fosse diminuiria a coragem, e os ranchos rareariam, fugindo a alegria que é propria d'estes dias. O' noites de creme, doces como alguem, pallidas como muitas julietas, deixai-nos envolvidos na escuridão, porque pela escuridão, em direcção à luz tambem caminharam os S.S. Reis! Fugi, deixai-nos... A escuridão é o complemento d'estas noutes, vesperas de luz.

Pela noute negra deslisa-se mais á vontade; n'ella apparecem as *silhuetes* desconhecidas que belliscam a curiosidade n'um morder agradavel. E segue-se esses bustos que deslisam negros, bassos pela sombra, corre-se atraz d'elles, como o nosso espirito muitas vezes atraz da decifração d'uma charada. Quem será?

E as vozes em canto, levantam-se crystalinas e repassadas de mysticismo e de alegria; alegria que se communica e vem até nós. De quem será este bando que assim canta? Vejamos; e as raparigas, affectando ou sentindo vergonha, tombam as abas dos chapeos e erguem até aos olhos o chale, esse desalmado chale que veio substituir a graciosa capucha que outr'ora usavam.

Fugi ó noites côr do creme, doces como alguem, e pallidas como muitas julietas que eu conheço.

*

Vem d'ahi J. M., tu que amas as raparigas côr de creme, e tu J. L, que gostas das raparigas côr das papoulas do campo. Vinde, ambos preenchereis o vosso ideal. Descem das aldeias as camponezas atuchadas de carnes e rubicundas de côr; a misturar-se com as nossas graciosas ovarinas geralmente morenas, mas sempre pallidas como estas noutes de luar. Tambem não as ha morenas, e essas são o puro creme. Umas e outras enfeitiçam. Os seus olhos são geralmente pretos, onde tumultua uma infinidade de desejos, mas tambem os ha azues, muito azues, e estes tambem são languidos, mais languidos ainda que os pretos. Ha uns d'estes olhos azues como a verdadeira côr do ceu, que me fazem crear, cà dentro, não sei se um outro ceu, não sei se um outro inferno.

O que é a mulher, essa femea de riso e choro faceis... A's vezes admiro-me da fraqueza do homem, e do modo como em nós atua o magnetismo femeâceo. Vinde d'ahi J. M. e J. L. que as tereis em todos os gostos; envergai os vossos varinos e deslisai desconhecidos pela claridade dubia da noite.

*

7—1—98.

Foram-se as noutes dos Reis. Que enthusiasmo em a noite de hontem: luarenta como a d'antehontem, um quasi nada de menos bumosa, e um pouco de mais fria. Crusavam-se, entrechocavam-se e por vezes amalgamavam-se os grupos que iam cantando os S.S. Reis.

Que ruido de vozes, de cantos e de musica! Era a alegria, essa filha da excentricidade, que se expandia e que estoirava.

Por aqui, um grupo de rapazes com rebecas, bandolins e pandeiretas; um outro de rapazes da phylarmonica Boa-União com diversos instrumentos; muitos outros de rapazes que, sem instrumentos de especie alguma, faziam elevar as vozes n'um tom classico e tradicional, gritando n'uma furia immensa; e por fim o grupo dos rapazes que formam a humanitaria Corporação dos Bombeiros Voluntarios d'esta villa, que cantaram n'um tom ainda não conhecido aqui, e com uns versos suaves na forma e encantadores pela originalidade e extravagancia. Além, os grupos das raparigas furtando os rostos aos curiosos e cantando em varios tons, mais ou menos classicos, mais ou menos conhecidos. Muitas d'estas são encantadoras.

Foram-se essas duas noites, deixando um rasto de saudades.

**

OS SS. REIS MAGOS

«Amis, vers l'Orient tournez votre paupiere:
La verité viendra doú nous vient la lumiere.»

(Amigos, voltai os olhos para o Oriente: a verdade virá d'onde nos vem a luz)

Lamartine—A morte de Socrates.

—

«... Onde está o Rei dos judeus, que é nascido? porque nós vimos no Oriente a sua estrella, e viémos a adoral-o.

E o rei Herodes ouvindo isto se turbou e toda a Jerusalem com elle. E convocando todos os principes dos Sacerdotes, e os Escribas do Povo, lhes perguntava, onde havia de nascer o Ghristo.

E elles lhe disseram: em Belem de Judá: Porque assim está escripto pelo propheta (Isaias—VII, 13 e IX, 6):.....E logo a estrella que tinham visto no Oriente lhes appareceu, indo adiante d'elles, até que chegando, parou sobre onde estava o Menino.

S. Matheus, II, 2—5 e 9.

—

Nós somos chamados como os Magos; a estrella da fé brilha a nossos olhos. Que ella dirija nossos passos para essa Bethlem espiritual em que nos é dado adorar nosso Salvador em espirito e em verdade, e offerece-lhe o dom de nós mesmos.

Le Guillou—Novos estudos religiosos e moraes sobre a Santa Biblia=pag. 413.

VOZ

A noute escura furtou a luz,
E cahe o frio na escuridão;
Reis peregrinos buscam Jesus
—Temos a crença no coração.

CORO

A noute escura furtou a luz,
Etc., etc.

VOZ

O' noute longa, côr da tristura,
Vai-te fugindo, desappar'cendo:
Andamos pouco por noute escura,
O' noute escura vai-te morrendo

CORO

A noute escura furtou a luz,
Etc., etc.

VOZ

Vai-se esta noute, volta outra (noute,
Chamada Herodes perseguidor:
O dia é negro com tal açoute,
Fugi ó noute cheia d'horror.

CORO

A noute escura furtou a luz,
Etc., etc.

VOZ

Fugindo as noutes, fugindo os dias
Sentindo a neve, sentindo horror,
Por dias negros, por noutes frias,
Vamos ao berço do Redemptor.

CORO

A noute escura furtou a luz,
Etc., etc.

VOZ

Longes da patria corremos p'ri-(gos;
N'ella reis somos—nada trouxe-(mos;
Dae-nos esmóla, somos mendigos,
Correndo p'rigos, pobres viémos.

CORO

A noute escura furtou a luz,
Etc., etc.

VOZ

As Boas-festas vos vimos dar:
Tende alegria, nasceu Jesus,
Continuâmos sempre a cantar,
A nossa estrella já além reluz.

CORO

A noute escura furtou a luz,
E cahe o frio na escuridão;
Reis peregrinos buscam Jesus
—Temos a crença no coração.

Ovar, 5=1—98.

**

Litteratura

NÃO MAIS TE ESQUECEREI

—

A TI

Eu não sei que magia d'esse olhar de Virgem
Prendeu minh'alma afflicta a esse peito duro,
Coração de granito por quem inda aturo
Este amor, este anceio d'alma, esta vertigem!

A morte arrostarei: embora um sonho vão
Eu nutra n'este peito frio, inanimado,
Embora este amor veja aos teus pés esmagado,
Heide morrer amando essa negra illusão!

Se em lezirias remotas expirar-me a vida,
Se em longinquas paragens dos meus sonhos bellos,
A' sombra das palmeiras, d'esses meus anhelos,
Na tumba resvalarem meus dias, querida,

Oh fada dos meus sonhos, alma peregrina,
Ai não rias do pobre que volveu á terra,
Onde os seus sonhos ledos ella emfim encerra
E onde as paixões tombam e tudo se fina!...

Ovar, 2—1—98. *Caçador Nocturno.*

O VARINO

Ha muitos seculos entrou pela foz do Vouga uma colonia de gregos da formosa raça pelasgia. Encantada da extensão e limpidez das aguas da ria, assentou as suas choupanas de pescadores nas planas margens d'aquella grande lagôa. D'esta colonia descendem os habitantes que ainda hoje a povoam.

Vejamol-os:

O «ilhavense» é o typo mais gracioso d'aquella esbelta raça. Alto, elegante, de physionomia sympathica, voz harmoniosa e musical; vive sempre sobre as aguas do Oceano, do Vouga e do Tejo. E' o pescador na sua mais genuina acepção.

A «ilhavense» é airosa e flexivel como a canna do vallado, que se balança ao menor sopro do vento; formosa... como dizem que o são as georgianas do Caucaso. Faz gosto vel-as fazer, com uma ligeiresa e pericia inexcedivel, toda a sorte de redes, desde o «botirão» de malha miudinha, até á «arte do mar», cujo

sacco depois de cheio é uma montanha. Na costura então, ninguem a excede. E' a verdadeira companheira do aperaltado pescador.

Depois do ilho vem o «aveirense», que se compõe do «marnôto» que cultiva as salinas; do «barqueiro», que conduz no seu barco o sal para bordo dos navios surtos na ria: e do «pescador», especie de «lazzaroni» napolitano, o qual, logo que na abundante ria pesca o precioso para seu sustento, deita-se ao abrigo de casa soalheira, fumando no seu cachimbo, com a indolencia de um musulmano.

Em Aveiro ha as «salineiras» gentis, que alta noite se levantam e vão com a sua canastrinha de verga acarretar o sal das marinhas para os barcos do Alboi. Muitas vezes, depois da tarefa, juntam-se na eira da salina e alí, com os rapazes barqueiros, dançam ao som da viola a «Canna Verde», a «Farrapeira» e outras danças populares, privativas dos suburbios d'Aveiro. Mas onde a pescadeira e a salineira expandem todo o seu genio folgasão, cantando, dançando e brincando à beira mar, é nas romarias da Costa Nova do Prado e de S. Jacintho.

Ao aveirense segue-se o «vareiro» apessoado e cosmopolita.

Vem depois o «aguedense», mais barqueiro do que pescador, e mais agricultor do que barqueiro.

Mas todos estes rebentões d'aquelle frondoso ramo da raça pelasgia, vulgarmente designado pelo nome de «varino», se parecem no seu trato brando, na sua voz engraçada, nos seus usos e costumes.

O trajo é quasi semelhante. No homem um «gabão» que lhe desce até aos pés, de mangas e capuz. Um «barrete catalão», que lhe cobre a cabeça como uma aza de gaivota. Camisa branca como a neve, por cima da qual se vê ás vezes o collete de panno azul, ou a camisola, ceroilas que lhe descem até ao joelho, deixando a descoberto o resto da perna; faixa vermelha embrulhada graciosamente em volta da cinta. E' este o trajo mais usado do varino pescador.

Na mulher o trajo é caprichoso como as ondas do Atlantico. D'antes a pescadeira e a sanileira, usavam apenas saia curta de lã azul, collete de velludinho encarnado, que lhe apertava o airoso corpo com botões de prata até á cinta, no collo lenço matisado de cores, terminando por um chapeu de largas abas, que lhe guardavam dos ardores do sol o rosto fresco e córado.

Hoje a moda tem invadido aquellas graciosas filhas do mar, e rara é a varina que conserva ainda aquella frescura e elegancia de trage de que se namoravam os olhos dos poetas das margens do Vouga.

J. S. Franco.

Pauta dos jurados

No dia 1 do corrente, procedeu-se na salla das sessões da camara, ao sorteio dos jurados que andam servir no 1.º semestre d'este anno para os crimes communs e de moeda falsa.

Para os crimes communs ficaram sorteados os seguintes srs.:

José de Almeida, de Esmoriz.
Bernardo d'Oliveira Manarte, de Ovar
José Duarte Pereira Sebe, da Granja, Ovar
Manoel Rodrigues Ribeiro, de Maceda
Joaquim de Sá Ramos, de Esmoriz
José Francisco Patacho, de Esmoriz
Manuel Joaquim Fernandes, de Ovar
Francisco Felinto da Silva Camossa, idem
Alexandre Pereira Leça, de Esmoriz
Antonio Pereira da Costa, idem
Manuel Gomes da Silva Bonifacio, de Ovar
Antonio Soares Pinto, idem.
Francisco Ferreira Dias, idem
Antonio Gonçalves Pinto, de Esmoriz
Manuel da Cunha e Silva, de Ovar
João Antonio Lopes, idem.
José Rodrigues Borges, de Vallega
Antonio d'Oliveira Picado, de Ovar
Manuel d'Oliveira Folha, idem
Manuel d'Oliveira da Cunha, idem
João Ferreira Soares, do Mortal, idem
Dr. Joaquim Soares Pinto, idem
Manoel José Marques d'Oliveira, de Vallega
Antonio Rodrigues Branco, de Cortegaça
Manuel Gomes dos Santos Regueira, de Ovar
Manuel Godinho da Costa, de Sande, idem
Dr. Antonio Joaquim d'Oliveira Valente, de Cabanões, idem.
Antonio Ferreira da Costa, de Esmoriz
José Manoel Romão, Ovar.
Antonio d'Oliveira Descalço Coentro, idem
Antonio Pereira Carvalho, da Ribas, idem
Francisco Ignacio Ferreira Soares, de Acções, idem
Custodio José da Silva, de Arada
Francisco Correia Dias, do Loureiro, Ovar
Dr. Francisco Fragateiro de Pinho Branco, Ovar
Manuel da Fonseca Soares, idem

—

Para os crimes de moeda falsa, ficaram sorteados os seguintes jurados:

Manuel Antonio Lopes Junior, do Areal, Ovar
Dr. Joaquim Soares Pinto, idem
João Antonio Lopes, idem.
Carlos Malaquias, idem
Antonio de Souza Campos idem
José Maria Pereira dos Santos, idem
João da Graça Correia, idem
Manuel Gomes da Silva Bonifacio, idem
José d'Oliveira Picado, de Guilhovae, idem
Dr. José Nogueira Dias de Almeida, idem
Francisco Peixoto Pinto Ferreira, idem
Luiz Ferreira Brandão, idem
Dr. Antonio Joaquim d'Oliveira Valente, de Cabanões, idem
Francisco da Fonseca Soares, idem
Antonio Soares Pinto, idem
Manuel Rodrigues Caetano, idem.
Manuel Gomes Larangeira, idem
Manoel Dias de Carvalho, idem
Antonio d'Oliveira Descalço Coentro, idem
Dr. Gonçalo Huet de Bacellar Souto Maior Pinto Guedes, idem.

ANNUNCIOS

Vallega

Vende-se uma propriedade de cazas com aido, sita em um dos melhores pontos d'esta freguezia. Faz frente para a Feira dos Treze e é propria para qualquer negocio.

Para tractar com os srs. Manuel José Barge ou Fernando dos Thomedias.

Arrematação

2.ª publicação

No dia 16 de janeiro proximo, pelas 10 horas da manhã e á porta do Tribunal Judicial d'esta comarca, sito na rua dos Campos, d'esta villa, e no inventario de menores a que se procedeu por fallecimento de Antonio da Costa Leite, que foi da Cruzinha de Arada, d'esta comarca, se ha de arrematar e entregar a quem mais der acima da quantia de 1:000$000 reis, preço porque é posta em praça—Metade, pelo lado do norte, comprehendendo as casas de habitação e casa da eira, de um predio que se compõe de casas altas e terreas, com cortinha de terra lavradia pegada e mais pertenças, sito no logar da Cruzinha de Arada, metade esta que se acha devidamente demarcada.

As despezas da praça e toda a contribuição de registo serão pagas por conta do arrematante.

Para a praça são citados quaesquer credores incertos.

Ovar, 22 de Dezembro de 1897.

Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito 3.º substituto,

Descalço Coentro.

O Escrivão

Frederico Ernesto Camarinha Abragão.

Arrematação

2.ª publicação

No dia 16 do proximo mez de Janeiro, pelas 10 horas da manhã e á porta do Tribunal Judicial d'esta comarca, sito na rua dos Campos, d'esta villa, se ha de arrematar e entregar a quem mais der acima da avaliação, e na execução hypothecaria que o commendador Luiz Ferreira Brandão, viuvo, da Ribas move contra Francisco Valente e mulher, da Poça, todos d'esta villa, a seguinte propriedade:

Uma morada de cazas terreas, com armazem, quintal e mais pertenças, sita na rua dos Ferradores, d'esta villa, que confronta do norte com a rua, sul e poente com Antonio d'Oliveira Descalço e nascente com Francisco Soares Santa, avaliada em 600$000 reis.

Para a praça são citados os credores incertos.

Ovar, 22 de Dezembro de 1897.

Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito, 3.º substituto

Descalço Coentro.

O Escrivão

Frederico Ernesto Camarinha Abragão.

Annuncio

2.ª publicação

Pelo Juizo de Direito da comarca de Ovar e cartorio do Escrivão Frederico Abragão, correm editos de trinta dias, citando os interessados José Pereira de Pinho, casado, José Valente da Fonseca, José Maria da Fonseca, Antonio Maria da Fonseca e Antonio Joaquim de Pinho, todos solteiros, ausentes na Republica dos Estados Unidos do Brazil, para todos os termos até final do inventario de menores a que se procede por fallecimento de João Valente da Fonseca, que foi de Real de Baixo, de Vallega; e isto sem prejuizo do andamento do mesmo inventario.

Ovar, 26 de novembro de 1897.

Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito

Braga d'Oliveira.

O Escrivão

Frederico Ernesto Camarinha Abragão.

Vinho nutritivo de carne

Unico legalmente auctorisado pelo governo, e pela junta de saude publica de Portugal, documentos legalisados pelo consugeral do imperio do Brazil. E' muito util na convalescença de odas as doenças; augmenta consideravelmente as forças aos in dividuos debilitados, e exercita o appetite de um modo extraordinario. Um calice d'este vinho, representa um bom bife. Acha-se á venda nas principaes pharmacias.

XAROPE PEITORAL
JAMES

FARINHA PEITORAL FERRUGINOSA DA PHARMACIA FRANCO

Reconhecida como precioso alimento reparador e excellente tonico reconstituinte. esta farinha, a unica legalmente auctorisada e privilegiada em Portugal, onde o uso quasi geral ha muitos annos, applica-se com o mais reconhecido proveito em pessoas debeis e idosas.

MAXIME VALORIS

—

O FILHO DE DEUS

Novo romance de grande sensaçao e edição de luxo em papel de grande formato illustrada com finissimas gravuras francezas

Pela combinação erdadeiramen te admiravel e pela impressionante contextura das scenas, que constituem o entrecho do formoso romance o *Filho de Deus*, assimcomo tambem pela elevação e esmero da sua linguagem, este trabalho tem evidentemente todo o direito a ser considerado como uma joia litteraria de valiosissimo quilate. Este romance de grande sensação é fundado em factos tão absolutamente verosimeis, e desenrola as suas peripecias com uma naturalidade tão completa, que o leitor julga estar assistindo a um dos muitos dramas commoventes, que a cada passo se encontram na vida real e positiva.

O Filho de Deus seria só por si uma affirmação brilhantissima do grande talento do seu auctor, Maxime Valoris, se as suas producções anteriores o não tivessem collocado já na elevada esphera, que só pode ser attingida pelos privilegiados da intelligencia. Deve, porém, dizer-se—e n'esta opinião é accorde toda a imprensa franceza, que appreciou em termos muito lisongeiros o novo romance de Maxime Valoris—que é, sem duvida alguma, o mais valioso e natural de todos os seus trabalhos.

E' uma edição de luxo, nitidamente impresso em magnifico papel de grande formato e illustrada com finissimas e primorosas gravuras que serviram na edição franceza.

TYPOGRAPHIA

DO

OVARENSE

112, rua dos Ferradores, 112

Esta casa encarrega-se de todo o trabalho concernente á arte typographica, onde serão executados com primor e aceio, taes como:

Diplomas, letras de cambio, mappas facturas, livros, jornaes rotulos para pharmacias, particpações de casamento, programmas, circulares, facura, recibos, etc., etc.

Tem á venda o Codigo de posturas municipaes do concelho de Ovar, contendo o novo addicionamento, preço 300 reis.

Bilhetes de visita, cada cento, a 200, 240 e 300 reis.

De luto, cada cento, a 400 e 500 reis.

EDITORES=BELEM & C.ª—LISBOA

O SELVAGEM

producção de Emilio Richebourg — versão de Lorjó Tavares

Esta obra, uma das que mior nome deram ao seu auctor, e que teve um exito extraordinaro na França que lê, desenrola episodios enternecedores, scenas empolgantes e situações altamente dramaticas que manteem o leitor n'uma constante anciedade, pelo seu interesse crescente. Pelo dedo se conhece o gigante. Basta ler os primeiros capitulos d'este soberbo trabalho para se revelar a pena de Emilio Richebourg, o insprado auctor da «Mulher Fatal», «A Martyr» «A Filha Maldita», «O Marido», «A Esposa», «A Viuva Millionaria», «A Avó» e de tantos outros romances de sensação. «O Selvagem» teve um tal exito de leitura, que hoje se acha raduzido em todas as linguas cultas.

A CASA

Guillard, Aillaud e C.ia

LISBOA LISBOA

DISTRIBUE REGULARMENTE

LA SAISON — Publicação quinzenal — *Jornal de Modas, formato grande, 12 paginas de texto com numerosas gravuras, moldes e um figurino colorido.* NUMERO AVULSO: Lisboa (pago á entrega) . . . . . 120 reis; Provincia e ilhas (pagamento adiantado de 6 nºs) 130 ». ASSIGNATURA: 3 mezes, 850 reis; 6 mezes, 1,600 reis; 12 mezes, 3,000 reis.

LA NATURE — *Jornal scientifico (semanal)* NUMERO AVULSO: Lisboa (pago á entrega) . . . . . 100 reis; Provincia e ilhas (pagamento adiantado de 5 nºs) . . . . . 110 ». ASSIGNATURA: 6 mezes, 2,600 reis; anno, 5,200 reis.

La Médecine moderne — Novo Jornal de Medicina sob a direcção do doutor Germain SÉE. — Publicação semanal. NUMERO AVULSO: Lisboa (pago á entrega) . . . . . 50 reis; Provincia e ilhas (pagamento adiantado de 10 nºs) . . . . . 60 ».

Les Sciences Biologiques en 1889 — Nova publicação sob a direcção dos Drs Charcot, Cornil, Dujardin-Beaumetz, etc. Fasciculos de 32 paginas in-8º grande, com gravuras. NUMERO AVULSO: Lisboa (pago á entrega) 200 reis; Provincia e ilhas (1) . . 220 ». (1) Pagamento adiantado de 5 fasc. Esta obra compõe-se-ha de 25 a 30 fasciculos.

Remettem-se gratuitamente numeros d'estas publicações por amostra.

A MODA ELEGANTE

O Jornal de Modas, o mais completo, dá cada semana 8 paginas de texto

UM MOLDE CORTADO E QUINZENALMENTE UM FIGURINO A CORES

ASSIGNATURAS—Portugal e ilhas:—Um anno 4$000 reis; seis mezes 2$100 reis; tres mezes 1$100 reis; numero avulso 100 reis; com figurino a cores 150 reis.

Toda a correspondencia particular deverá ser dirigida a Guillard, Aillaud & C.ª, em Paris, 96, boulevard Montparnasse. Mas afim de lhes facilitar o pagamento os srs, assignantes de Portugal podem enviar o importe de suas assignaturas em valles do correio á mesma firma, 242, rua Aurea, 1º—Lisboa.

Toda a pessoa que desejar ser agente d'este jornal, pode dirigir a sua proposta aos editores, em Paris, á qual se responderá com a maxima brevidade.

REMEDIOS E AYER

Vigor do cabello de Ayer—Impede que o cabello se torne branco e restaura ao cabello grisalho a sua vitalidade e formosura.

Peitoral de cereja de Ayer—O remedio mais seguro que ha para cura da *tosse, bronchite, asthma e tuberculos pulmonares.* Frasco reis 1$000, meio frasco 600 reis.

Extracto composto de Salsaparilha de Ayer—Para purificar o sangue, limpar o corpo e cura radical das escrofulas. Frasco 1$000 reis.

O remedio de Ayer contra sezões=*Febres intermitentes e biliosas.*

Todos os remedios que ficam indicados são altamente concentrados de maneira que saliem baratos, porque um vidro dura muito tempo.

Pilulas catharticas de Ayer=O melhor purgativo suave inteiramente vegetal.

TONICO ORIENTAL

MARCA «CASSELS»

Exquisita preparação para aformosear o cabello

Estirpa todas as affecções do craneo, limpa e perfuma a cabeça

AGUA FLORIDA

MARCA «CASSELS»

Perfume delicioso para o lenço, o toucador e o banho

SABONETES DE GLYCERINA

MARCA «CASSELS»

Muito grandes. — Qualidade superior

A' venda em todas as drogarias e lojas de perfumarias.

PREÇOS BARATOS

Vermifugo de B. L. Fahnestock

E' o melhor remedio contra lombrigas. O proprietario está prompto a devolver o dinheiro a qualquer pessoa a quem o remedio não faça o effeito quando o doente tenha lombrigas e seguir exactamente as instrucções.

SABONETES GRANDES DE GLYCERINA MARCA «CASSELS».—Amaciam a pelle e são da melhor qualidade, por preços baratissimos. Deposito geral: James Gassels e C.ª, Rua do Mousinho da Silveira, 85. Porto.

Perfeito Desinfectante e purificante de JEYES para desinfectar casas e latrinas; tambem é excellente para tirar gordura ou nodoas de roupa, limpar metaes, e cura feridas.

Vende-se em todas as principaes pharmacias e drogarias—Preço 240 reis.

CACAU AMERICANO

E' ao mesmo tempo uma bebida estimulante e um alimento mais nutritivo que qualquer outra bebida. E' leve, fino, facil de digerir e completamente livre de alkali, ou qualquer outra materia extranha. Este cacau americano é mais commodo e mais barato que chocolate, café ou chá, e não excita os nervos como estes.

As pessoas que tomarem este cacau uma vez, jamais deixarão de o preferir ao chocolate, café ou chá, pois reconhecerão as suas qualidades nutritivas e agradavel paladar.

Unicos agentes em Portugal, James Gassels e C.ª Rua do Mousinho da Silveira, 85, Porto.

Séde da Redacção, Administração e Typographia, Largo do Hospital, n.ºs 26 e 27—OVAR.